

CONSTRUINDO PENSAMENTO CRÍTICO ATRAVÉS DO LETRAMENTO VISUAL MEDIADO POR TECNOLOGIA MÓVEL

Giselda dos Santos Costa (IFPI)

Francisca de Fátima de Lima Sousa (IFPI)

RESUMO

Este trabalho sublinha que a inclusão do letramento visual no currículo escolar pode desenvolver o pensamento crítico dos alunos, tornando-se uma das mais importantes habilidades da educação no século 21. O Letramento Visual tem a finalidade de melhorar as habilidades de pensamento crítico que, por sua vez, produz melhores resultados acadêmicos e pessoais (SANTOS COSTA, 2013). Cope e Kalantzis (2013) acreditam que os letramentos críticos procuram destacar as vozes e as experiências que os alunos trazem para a escola, valorizando-os como cidadãos e agentes de mudanças. Mas como o letramento visual pode ser ensinado para desenvolver habilidades de pensamento crítico? Este trabalho objetiva compartilhar uma atividade crítica visual aplicada no curso do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Piauí, no *Campus* Teresina Zona Sul para estimular o pensamento crítico dos alunos mediado pelo aplicativo "CellAtSchool PLUS App".

PALAVRAS-CHAVE: letramento visual, pensamento crítico, cellatschool App

ABSTRACT

This paper underlines that the inclusion of visual literacy in the school curriculum can develop critical thinking of students, making it one of the most important skills of education in the 21st century. The visual literacy is intended to improve critical thinking skills that produces better academic and personal results (SANTOS COSTA, 2013). Cope and Kalantzis (2013) believe that the critical literacies are seeking to capitalize the voices and experiences that students bring to school, valuing them as citizens and agents of changes. But how can visual literacy be taught to develop critical thinking skills? This study aims at sharing a visual critical activity that is being applied in the course of the Integrated High School of the Federal Institute of Piauí in Teresina --- South Zone *campus* to stimulate the students' critical thinking mediated by the "CellAtSchool PLUS App".

KEYWORDS: visual literacy, critical thinking, cellatschool App

0. Introdução

Letramento normalmente significa a capacidade de ler e escrever, mas também pode se referir à capacidade de ler vários tipos de sinais semióticos, como por exemplo, imagens ou gestos. A proliferação de imagens na nossa cultura como em jornais e revistas, na publicidade, televisão ou mesmo na internet, traz muitos elementos que podem ser explorados sob a perspectiva do letramento visual, ou seja, são campos férteis para que os professores se apropriem desse leque de possibilidades para criarem atividades, a fim de que os alunos desenvolvam a capacidade de “ler” imagens como uma habilidade importante no ensino de línguas.

Williams (2007) recomenda que os estudantes tenham mais experiências com letramento visual nas escolas, pois o desenvolvimento de competências visuais aumenta tanto a capacidade de construção de significado quanto de pensamento crítico. Os educadores devem ajudar a melhorar a “desconexão entre os textos que os estudantes lidam em seu contexto escolar e fora da escola” (SERAFINI, 2012, p.30), no sentido de instrumentalizá-los com as ferramentas de que necessitam para serem bons leitores de textos visuais e multimodais.

Concordamos que integrar a habilidade visual em sala de aula de línguas é um apoio benéfico para o professor, pois permite que os alunos pensem de forma mais complexa, uma vez que as novas tecnologias levam a novas formas de informação, exigindo, assim, um novo vocabulário e novos métodos de interpretação mais crítica. Pensando em nossa realidade educacional, corroboramos com Spalter e Dam (2008) quando consideram que a prática de visualização é negligenciada em nossas salas de aulas, principalmente nos currículos de ensino de línguas estrangeiras nas escolas, numa época em que o desenvolvimento de cidadãos letrados visualmente é fundamental.

Por um lado, Spalter e Dam (2008) afirmam que os alunos estão envolvidos em um ciclo constante de consumir e produzir mídias visuais, mas eles não são visualmente letrados, pois eles não têm as habilidades para compreender como decifrar uma imagem e tomar decisões éticas sobre a validade e valor da informação. Por outro lado, Sosa (2009) alega que um grande problema no desenvolvimento do letramento visual é

que os professores, também, não sabem como avaliar as imagens, porque eles nunca receberam instruções adequadas e pertinentes para esse tipo de atividade, deixando de abrir discussões sobre as mesmas por falta de conhecimento.

Portanto, esse trabalho propõe uma estratégia com elementos visuais, com vistas a ajudar os professores a subsidiarem experiências de ensino--aprendizagem em sala de aula de línguas em contextos que envolvam os conceitos de letramento visual crítico, mediado pelo aplicativo CellAtSchool Plus App.

Inicialmente, faremos uma breve revisão da literatura sobre o conceito de letramento crítico no ensino de línguas. Em um segundo momento será abordado os conceitos de agência e affordance multimodal. No terceiro momento, apresentaremos o videoclipe como um texto multimodal. No quarto momento, tecemos sobre design de atividades e informações sobre o aplicativo que mediou a atividade proposta. Em seguida, apresentaremos uma tarefa com videoclipe subsidiada por uma técnica dialógica para melhorar o pensamento crítico dos alunos. Finalmente, faremos algumas considerações apontando as contribuições da integração do letramento visual no currículo de ensino de línguas.

1. Letramento crítico no ensino de línguas

Letramento crítico é uma noção relativamente recente no campo da linguagem e no ensino de língua inglesa. Ele está incluído nas definições mais atuais de letramento e é promovido como um elemento essencial no mundo atual.

No entanto, existem algumas dificuldades na tentativa de desenvolver o letramento crítico em sala de aula, embora não seja difícil encontrar teóricos e discussões político--filosóficas deste conceito. O próprio termo é interpretado de maneiras diferentes e, às vezes, é discutido bem abstratamente. Há também uma série de nomeações semelhantes, tais como: pedagogia crítica, prática crítica, pensamento crítico, educação para a mídia, consciência de linguagem crítica, e, na verdade, nem sempre fica claro como esses termos se relacionam com letramento crítico.

O conceito deste termo ganhou campo de pesquisa durante os anos de 1980 a 1990, mas para muitos professores de língua estrangeira ainda não está claro o que uma abordagem crítica significa na prática. Para alguns, o conceito de letramento crítico deriva principalmente do trabalho de críticos teóricos do discurso e do seu reconhecimento de que a linguagem não é um campo neutro. Para outros, as noções de letramento crítico têm suas origens na Teoria de Gêneros Textuais e nas análises da Linguística Sistêmico Funcional, como uma crença de que o simples conhecimento da linguagem e as diversas opções de texto permitem atingir a coesão social, elemento útil para estudantes de línguas. Ademais, há contingentes de que a teoria de letramento crítico emerge da noção freireana em relação à importância de analisar as relações e campos da ideologia, do poder social, cultural e econômico que envolve tanto quem ensina quanto quem aprende.

Observamos em nossas leituras que o objetivo do letramento crítico, em qualquer uma das apropriações acima, direciona a elevar a consciência crítica social dos alunos. De acordo com Freire (2003), a partir do momento em que os alunos se tornam mais conscientes e críticos, tornam--se mais inclinados a lutar contra os sistemas opressivos em seu mundo e têm o poder de mudar sua realidade. O lugar mais lógico para que os alunos encontrem os sistemas sociais, políticos e históricos que dominam o mundo é a sala de aula. Ao envolver os alunos em textos e diálogos que aguçam sua consciência crítica, Freire (2003) acreditava que os alunos não só se tornariam criticamente informados, mas também eticamente comprometidos a transformar a sociedade como um ser agente.

2. Affordance modal

Affordance modal, originário do trabalho de Gibson (1979), é um conceito que descreve o que é possível expressar e representar facilmente em um modo, ou seja, *affordance* é um termo que indica uma oportunidade para a ação que o ambiente oferece ao agente, independente se o agente faz uso dela ou não.

O que percebemos quando olhamos, ouvimos, cheiramos ou seguramos algo? Gibson responde a essa pergunta quando afirma que o que percebemos são os valores e os significados das coisas. O que percebemos não são necessariamente objetos, mas as possibilidades de ação que proporcionam algum tipo de comportamento no agente. Em nosso ponto de vista, *affordance* é o processo interativo entre o indivíduo e seu ambiente, sendo o ambiente um conjunto de recursos para ações disponíveis ao agente que precisa perceber as potencialidades e iniciar a ação, representado na figura abaixo:

Figura 1: Conceito de *affordance*



Fonte: Tese de doutorado, 2013. Disponível para acesso em:

<http://www.giseldacosta.com/wordpress/publicacoes/>

Kress (2009) explica que modos semióticos têm *affordances* particulares que oferecem potencialidades e limitações para a comunicação e representação. *Affordance* linguística, por exemplo, normalmente envolve a língua oral e escrita (vocabulário, pontuação, gramática); o *affordance* visual inclui imagens estáticas e em movimento (cor, vetores, linha, plano); o *affordance* gestural compreende às expressões faciais e linguagem corporal (movimento e velocidade, posição corporal); o *affordance* auditivo envolve a música e efeitos sonoros (volume, tom, ritmo, silêncio, pausa); e o *affordance* espacial envolve o layout e organização de objetos no espaço (proximidade, direção, posição no espaço).

Santos Costa (2013) pontua que na interação, a qualquer momento, os modos de comunicação têm significados diferentes para cada pessoa, pois os affordances não são os mesmos para todos os aprendizes, já que dependendo dos objetivos, interesses, intenções e aspectos culturais percebem potencialidades e significados diferentes.

Só recentemente o conceito de affordance foi introduzido nas pesquisas de ensino de segunda língua e de língua estrangeira e, dessa forma, os investigadores são desafiados a operacionalizá-lo.

Nos estudos atuais, *affordance* modal é operacionalizado como qualquer movimento discursivo que fornece informações sociolinguísticas para um aprendiz ou que tem a intenção de ativar a consciência crítica do aluno a respeito dos fenômenos da linguagem, principalmente através dos textos multimodais, como o videoclipe.

3. Videoclipe: um texto multimodal

Multimodalidade refere-se a um campo de aplicação e não de uma teoria. Qualquer disciplina pode explorar diferentes aspectos da multimodalidade. Estas abordagens estão preocupadas com a construção social e culturalmente situada de significado, e pode ser aplicado para investigar o poder, a desigualdade e a ideologia nas interações humanas e artefatos.

Segundo Knolauch et al. (2006), o interesse na multimodalidade é ativado pelo uso da fotografia digital e vídeo-gravação da comunicação humana que está se tornando uma prática padrão na pesquisa qualitativa.

A definição do termo multimodal do Grupo *New London* (1999) é a combinação de modos em uma única composição para ter significado. Mas para ser “um modo” é preciso haver um sentido cultural compartilhado dentro de uma comunidade e todos esses modos realizam funções sociais e são organizados para fazer sentido. Por exemplo, um gesto, a entonação da voz e a direção de um olhar fazem parte dos recursos para a construção de significados.

Como os modos têm diferentes affordances, as pessoas sempre usam modos diferentes simultaneamente para orquestrar significados ou sentidos. Há uma opinião

geral de que os textos multimodais tentam persuadir através da utilização de várias camadas de recursos visuais, palavras, sons e outros modos de se comunicar. Kress e van Leeuwen (1996), por exemplo, argumentam que em textos multimodais o significado é atribuído a todos os modos implantados, e que uma interpretação unificada torna um argumento coeso e dá ao leitor “muitas vozes”. Os autores de texto multimodal como o videoclipe, utilizam muitos modos para reforçar seus argumentos e percebem que vários modos semióticos contêm possibilidades e limitações únicas que tornam os modos particularmente capazes de comunicar significados específicos.

O videoclipe é um exemplo de multimodalidade. É um texto em que o significado é construído a partir da combinação de vários sistemas de signos e as imagens é uma ferramenta valiosa que tem o potencial de estimular e aumentar a formação de um leitor reflexivo e crítico. O designer cria estruturas de uma história imagética, através do qual ele expressa ações, eventos, pensamentos, emoções, sentimentos, estilo de vida, humor e valores. Muitas dessas histórias, no vídeo, aparentemente simples, fazem conexão com problemas culturais, políticos e sociais da nossa realidade. Além disso, os leitores podem aprender como textos servem como artefatos sociais, críticos e nunca neutros de ideologia.

Os estudos de Ting Hung (2009) apontam como grande vantagem dos vídeos a possibilidade de os alunos não só ouvirem a língua, mas também ver os falantes e a situação que apoia a aquisição de vocabulário, de forma a melhorar a pronúncia e a informação gramatical e cultural. Vídeos contêm pistas visuais, como gestos e expressões que possibilitam aos alunos irem além do que ouvem. No entanto, é bem claro que as escolas têm o desafio de olhar para outros modos de expressão, além do escrever, pois o seu objetivo é preparar cidadãos críticos. Para Kress (2009) a música já não é vista como uma forma de comunicação, mas como um meio de expressão. Assim, diferentes modos de expressão implicam diferentes formas de significados. Kalantzis e Coper (2000) discutem a necessidade de a escola mudar seu papel, no sentido de uma educação mais pluralista, e, certamente, uma abordagem de multiletramentos poderia ser uma sugestão válida.

4. Design de atividades: desenvolvendo o pensamento crítico

Apresentaremos uma pequena atividade visual explorando o videoclipe chamado *Pretty Hurts* (A beleza dói, em tradução livre) com o objetivo de mostrar não só os benefícios de incluir comunicações visuais nas abordagens multimodais para a aprendizagem de línguas, mas também para mostrar algumas estratégias que podem ser aplicadas nas salas de línguas estrangeiras para ensinar os alunos uma forma de codificar e decodificar os artefatos de sua própria cultura.

Pretty Hurts é uma canção da cantora norte-americana Beyoncé, gravada para o seu quinto álbum. Foi composta pela própria cantora com o auxílio de Joshua Coleman, Sia Furler e Bobby Long, sendo que a sua produção ficou a cargo de Ammo e Knowles. O lançamento do videoclipe foi no dia 24 de abril de 2014 em Nova Iorque com uma duração de quatro minutos e dezessete segundos. A cantora abordou um problema bastante enfrentado pelas mulheres nos dias atuais: a pressão por se manter sempre nos padrões de beleza imposta pela mídia, tornando as mulheres reféns dos produtos e serviços que a mesma divulga. Para representar esse problema social, o vídeo tem seu enredo num concurso de beleza onde todas as garotas buscam por diversos modos ganharem a premiação. Nesse contexto, emerge a bulimia, abuso de drogas e uso indiscriminado de métodos cirúrgicos, ou seja, problemas cada vez mais constantes nesse duro sacrifício pelo prazer puramente material e estético.

O "crítico", neste trabalho, passa a ser visto não apenas como "análise fundamentada", mas como uma análise que busca descobrir os interesses sociais e políticos na produção das imagens e recepção em relação aos efeitos sociais e culturais, de poder e dominação no contexto de vida dos alunos.

Essa atividade foi mediada pelo aplicativo *CellAtSchool PLUS Application* que foi criado para ajudar a resolver problemas no ensino de inglês como língua estrangeira, dentro e fora da sala de aula. A finalidade desse aplicativo é mostrar ideias pedagógicas que ajudarão professores a incluir tecnologias móveis em seu currículo. O professor cria seus *designs* de atividades, disponibiliza-os em sua página pessoal da *web* (www.cellatsschool.com) e os alunos, com suas tecnologias móveis, têm fácil acesso

aos materiais da disciplina tais como palestra, vídeos, *quizzes*, *podcasts* e outras informações *online*. Os discentes se conectam ao aplicativo por *login*, completam as atividades e recebem as correções em seus *e-mails* pessoais.

Além de compartilhar *design* de atividades, este app disponibiliza mais cinco tecnologias com potencial para: (1) traduzir simultaneamente inglês-português e português-inglês com pronúncia de voz; (2) compartilhar mensagens para as redes sociais; (3) localizar objetos indicando exatamente o ponto onde o aluno deixou; (4) escrever notas; e (5) marcar chamadas dos telefones com avisos de ocupado quando o aluno estiver em sala de aula. Esse aplicativo faz parte de um projeto que está sendo desenvolvido no Ensino Médio Integrado Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Zona Sul, constituindo-se em uma ponderosa ferramenta que podemos usar para não só empoderar, mas para inspirar nossos alunos e professores a serem mais criativos no ensino e aprendizagem.

Atividade:

1. Liste três coisas que você pode inferir a partir desta imagem, baseando-se no conhecimento que você tem, através das mídias, redes sociais e outras vivências.

Figura 2: Vídeo Pretty Hurts



Fonte: videoclipe Pretty Hurts, 2014. Disponível para acesso em:
<https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa--5n5w/>

2. Como você interpreta esta imagem?

Figura 3: vídeo Pretty Hurts



3. O que está acontecendo nesta imagem?

Figura 4: Vídeo Pretty Hurts



Fonte: videoclipe Pretty Hurts, 2014. Disponível para acesso em:
<https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa--5n5w/>

4. O que é essa imagem significa para você?

Figura 5: vídeo Pretty Hurts



5. Que perguntas você faria em relação a essa imagem?

Figura 6: vídeo Pretty Hurts



Fonte: videoclipe Pretty Hurts, 2014. Disponível para acesso em:
<https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa--5n5w/>

6. Que tipo de comparação de igualdade o autor está mostrando? Explique a metáfora.

Figura 7: vídeo Pretty Hurts



Conclusão

As análises das respostas dessa atividade não têm por objetivo aprovar ou reprovar, considerar correta ou errada as respostas dos alunos participantes, mas fornecer--lhes feedback sobre seu senso crítico. A aquisição da criticidade é importante nesse tipo de atividade, pois os professores não podem dar a interpretação “correta” de um elemento específico visual, e sim estimular a visão da crítica para que eles possam construir e explicar seus pontos de vista.

As atividades visuais tornaram os alunos mais conscientes da intencionalidade do texto e permitiu que eles avaliassem o quanto são influenciados por suas próprias interpretações visuais, enquanto sujeitos de uma determinada cultura. Os alunos perceberam que as representações visuais fornecem uma compreensão que as linguagens falada ou escrita não podem ser mais vistas como modos centrais na comunicação humana, mas como um dos modos, entre outros, na construção de sentidos.

Os alunos apreciaram também o fato de que a aula de inglês mostra variedades de assuntos apresentados nos vídeos, especialmente com relação a temas atuais como: tecnologia, família, drogas, preconceito, terrorismo e sexo. Esse espaço aberto da aula

de inglês foi considerado como ideal para atividades múltiplas e variadas. O resultado é que a aprendizagem da língua e os conhecimentos globais e locais ocorreram simultaneamente. Sendo assim, a aula de inglês torna-se um contexto interessante para discutir sobre conhecimentos diversos, sem restrições de opiniões sobre o assunto que pode ser abordado durante as atividades de aprendizagem.

Neste estudo, fizemos uso de práticas ‘localizantes’ em nosso fazer pedagógico quanto às atividades de letramento visual crítico com este videoclipe. Usamos tópicos interessantes sobre questões globais que também se aproximam do saber local das realidades dos alunos para ensinar a ouvir, falar, ler, escrever e ver.

Um fator importante a ser considerado foi que o videoclipe teve um impacto sobre a motivação e interesse dos alunos, configurando-se é uma excelente ferramenta para a demonstração dos significados e sentidos das cenas cotidianas da cultura alvo. Esse efeito foi otimizado com a combinação de sons e imagens, por vezes, o texto verbal (sob a forma de legendas) em conjunto com informações socioculturais sobre os hábitos, tradições e cultura.

Reforçamos a importância de o professor ter conhecimento de que os diferentes modos de imagem, som e movimento podem influenciar ou não a maneira como o significado evolui e tal significado é construído ao longo da sequência de cliques ou imagens justapostas. Não podemos esquecer que cada indivíduo tem uma forma única de ver o mundo e a imagem visual é mais uma ferramenta para ganhar a compreensão do mundo social.

Em termos de letramento visual, os alunos devem ser explicitamente ensinados a entender, interpretar e questionar aspectos da arte visual e design, pois todos os aspectos da composição visual têm um viés cultural. Os alunos precisam estar cientes do significado semiótico, a saber: os significados de cor, enquadramento, e posicionalidade, por exemplo, a fim de compreender os elementos visuais com uma postura crítica. Através de questionamentos, discussões e pontos de vista, os alunos podem resolver problemas em conjunto e fazer as leituras de imagens dentro de um

contexto sociocultural particular. Na verdade, os educadores serão negligentes se não ensinarem essa compreensão para os alunos.

Em suma, a semiótica não pode ser deixada apenas para os semióticos. Segundo Newfield (2011), desenvolver letramento visual é um processo lento e multifacetado, pois engloba aprender a olhar mais consciente em manifestações visuais da realidade e dos fenômenos sociais. Portanto, não podemos esquecer que somos processadores visuais, visualizadores, além de leitores.

A fim de preparar os alunos para participarem ativamente num mundo socialmente diversificado, localizado, globalizado e tecnológico, os professores precisam encontrar novas formas de ensino e aprendizagem, proporcionando oportunidades para que eles explorem, conheçam e se envolvam criticamente com uma ampla variedade de textos e diferentes práticas de letramento. Neste estudo, mostramos que os professores não devem ser apenas usuários de tecnologia, mas devem potencializá-la, através de seus designs instrucionais sempre fazendo ligações com a vida cotidiana dos alunos.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. GIBSON, J.J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1979.

KALANTZIS, M. and COPE, B. Multiliteracies: rethinking what we mean by literacy and what we teach as literacy in the context of global cultural diversity and new communications technologies, in A.-F. Christidis (ed.), **Strong and Weak Languages in the European Union: Aspects of Linguistic Hegemonism**, Centre for the Greek Language, Thessaloniki, 667–679 (English); 80–96 (Greek), 2000.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, England: Routledge, 1996.

KRESS, G. **English at crossroads: rethinking curricula of communication in the context of the turn to the visual**. In: G. E. Hawisher, & C. Selfe (Eds.), *Passions, pedagogies, and 21st century technologies*. Logan: Utah State University Press, 1999.

KNOBLAUCH, H., Schnetter, B., Raab, J., Soeffner, H. **Video analysis: methodology and methods**. Qualitative Audiovisual Data Analysis in Sociology. Frankfurt am Main, Peter Lang 2006.

KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to communication. London, Routledge Falmer, 2009.

NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies**: designing social futures. Harvard Educational Review, 1999. 66(1), 60--92.

SANTOS COSTA, G. **Mobile learning**: explorando potencialidade com o uso do celular no ensino -- aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública. Tese de doutorado em Linguística. Anexos. UFPE, 2013.

SERAFINI, F. **Expanding perspectives for comprehending visual images in multimodal texts**. Journal of Adolescent & Adult Literacy, 2012.

SOSA, T. **Visual literacy**: the missing piece of your technology integration course. TechTrends: Linking Research and Practice to Improve Learning, 2009.

SPALTER, A.; VAN DAM, A. **Digital visual literacy**. Theory into Practice, 2008. TING HUNG HSIU. Learners' Perceived Value of Video as Mediation in Foreign Language Learning. Journal of Educational Multimedia and Hypermedia. 2009. Vol. 18, Iss. 2, pp. 171--190 .

WILLIAMS, T. L. **Reading the painting**: exploring visual literacy in the primary grades. The Reading Teacher, 2007.